

CONVERSAS
COM A
Escrita

Lídia Jorge

5 de Dezembro de 1998
16.00 horas

Apresentação do romance

O Vale da Paixão

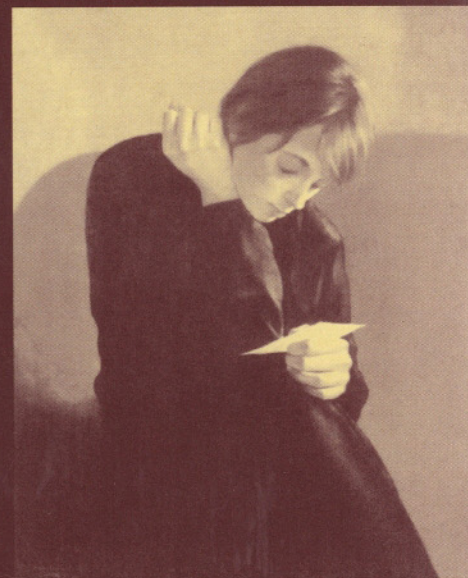


Foto: Luiz Carvalho

CONVERSAS
COM A
Escrita

é uma proposta da Câmara Municipal do Seixal e das Publicações Dom Quixote para que possa ver, ouvir e conversar com alguns dos mais importantes escritores, criadores e pensadores da cultura e língua portuguesa.

Biblioteca Municipal do Seixal
Fórum Cultural - Quinta dos Franceses
2840 Seixal • Telefones: 222 64 11/2/7

Biblioteca Municipal ♦ Fórum Cultural
Câmara Municipal do Seixal ♦ Publicações Dom Quixote

Bibliografia da Autora

O Dia dos Prodígios (romance)

1ª edição: Europa-América, 1980

O Cais das Merendas (romance)

1ª edição: Europa-América, 1982

Notícia da Cidade Silvestre (romance)

1ª edição: Europa-América, 1984

A Costa dos Murmúrios (romance)

1ª edição: Publicações Dom Quixote, 1988

A Última Dona (romance)

1ª edição: Publicações Dom Quixote, 1992

A Instrumentalina (conto)

1ª edição: Publicações Dom Quixote, 1992

O Jardim sem Limites (romance)

1ª edição: Publicações Dom Quixote, 1995

A Maçon (teatro)

1ª edição: Publicações Dom Quixote, 1996

Marido e Outros Contos (contos)

1ª edição: Publicações Dom Quixote, 1997

O Vale da Paixão (romance)

1ª edição: Publicações Dom Quixote, 1998

“Colóquio-Letras”, “Palavras”, “Expansão”, “Grande Reportagem”, *J.L. - Jornal de Letras, Artes e Ideias*.

A conceituada obra de Lídia Jorge destaca-se no panorama da moderna ficção portuguesa e é um caso de evidente sucesso editorial, quer em termos nacionais, quer internacionais, encontrando-se editada na Alemanha, Brasil, Espanha, França, Holanda e Itália.

O seu mais recente romance, *O Vale da Paixão*, deve ser considerado uma das obras maiores, a jóia da coroa, da carreira desta escritora. Há alguns anos, Lídia Jorge declarou ter por ambição “escrever um romance em que conseguisse dar a exterioridade da interioridade absoluta. Isto é, um romance em que eu conseguisse pôr a descoberto a dramaticidade completa do que vai na alma”. E parece que os deuses a ouviram e lhe permitiram, com grande mestria e talento, concretizar aquele desejo.

O Vale da Paixão, de alguma forma, revisita e reconstrói mitos dramáticos primordiais. Num domínio rural do sul, arena de confronto entre membros de uma família, é contada a história da relação de Walter Dias, de Maria Ema e da filha. Walter, o trotamundos, quebra a sucessão natural das filiações, das heranças e modos de vida estabelecidos e provoca a desarmonia rompendo a relação de poder e tirania do patriarca do clã. Atrás de si deixa uma mulher apaixonada, que se tornará sua cunhada, e uma filha ilegítima da qual, formalmente, passará a ser tio. A esta filha, que se sentirá sempre excluída e marginal perante a família, o desencaminhamento geográfico e genealógico do pai provoca uma admiração ilimitada. Aquele pai sedutor e aventureiro, incompreendido e estigmatizado, ganha foros de figura mítica que a ausência amplia.

Walter Dias increve-se definitivamente, de uma forma obsessiva, na memória da filha por ocasião de um regresso a Valmares, onde a tensão e a emoção atingem

no romance um ponto extremo, num ambiente carregado de presságios de desastre e fatalidade. O amor culpososo de Walter e Maria Ema, a paixão da filha, que quase raia a violação da relação de parentesco, a reprovação e a recriminação que aquela visita de Walter provocará no tempo, ampliam a ambiguidade. Em que recordações, em que verdades se encontra a realidade dos factos? Que acontecimentos são da ordem do vivido ou da ordem do sentido? Se incertas são as causas, evidentes são os efeitos. A filha abisma-se no desvio aos padrões estabelecidos e entrega-se ao fascínio, por ela também alimentado, da figura de Walter, orgulhosa daquele pai que, acompanhado de uma manta de soldado, calcorreia meio mundo desenhando pássaros.

A alteridade que conduz a narrativa (narradora, personagem da filha) permite uma sucessão de encadeamentos, de exposição da desordem, das suspeições e indícios que levam ao desenlace trágico, à traição ao amor movida pela vingança. A difamação e o papel que nela é atribuído a Walter desqualificam-no e afectam a fidelidade e o amor da filha. Afastada a ideia de perfeição pela presunção e não pela prova de culpa ou inocência, instala-se a decepção, a deserção e a vontade de destruir Walter. A crueldade é o reverso do amor e a filha, como que encarnando o mito de Electra, dispõe-se a imolar, a aniquilar o pai.

O leitor sente-se transportado ao hemíciclo cénico antigo, à tragédia clássica que tão bem, e para meditação e exemplo, nos legou aquelas personagens inumanas e impiedosas (e também o seu oposto). O amor e a fé nunca são tão emocionantes como quando correm o risco de se transformar no seu inverso e transportam em si o princípio da sua própria negação. *O Vale da Paixão*, um romance soberbo, escrito no rigor do fio da navalha, convoca e integra também esta universalidade, esta intemporalidade e, como Walter Dias, torna-se inesquecível.

Lídia Jorge

O Vale da Paixão
Ed. Publicações Dom Quixote

Começou esse trabalho de traça, que consistia em aniquilar a pessoa de Walter; entrando dentro do seu habitáculo devagar, como uma espia. Estivesse quem estivesse, que a deixassem ficar dentro do quarto, não a incomodassem com horas de dormir ou de comer. Ela queria visitar o interior de Walter. Queria assaltá-lo por dentro, sem ruído, atravessar; passar; reduzir; destruir-lhe a pessoa, conspurcando-o, transformando a doçura da sua imaterialidade evanescente numa parábola de natureza carnal para que desaparecesse. Ia até esse terreno, apagar aí, assassinar aí quem se ama, no local que se pensou intocável. Assassinar com uma infusão sonífera, uma taça de mandrágora. Ia fazer a experiência da profanação, com os pés descalços, os sapatos na mão, como ele lhe havia ensinado. Iria profanar-lhe os ossos, como um micróbio, visitá-lo até à rede interna dos ossos e a polpa do coração. A isso se chamava de trabalho abominável. Na Primavera de oitenta e três, a manta do soldado sobrepunha-se a tudo como um motivo de abominação. No silêncio do quarto, este mesmo quarto, enquanto as árvores desfloriam, as hastes se enrolavam em folhas verdes, e os ramos cheios de seiva se multiplicavam e ofereciam pequenos cachos de frutos com pele de camurça, as palavras necessárias apareciam-lhe, naturais, frias, sem qualquer esforço e sem qualquer mágoa. Foi nesse fim de Inverno morno que ela iniciou um texto sobre Walter. Ela sabia, tal como os Dias desde sempre tinham sabido, que não se atinge verdadeiramente a reputação de alguém, enquanto não se atinge o local reservado do seu sexo. Era preciso atingir o sexo de Walter

NOTA BIOGRÁFICA

Lídia Guerreiro Jorge nasceu a 18 de Junho de 1946 em Boliqueime, filha única de uma família de origem rural. Na cidade de Faro fez o Liceu e, em 1964, veio para Lisboa frequentar o curso de Filologia Românica da Faculdade de Letras de Lisboa.

Lídia Jorge foi, durante anos, professora de Português no Ensino Secundário e depois, na Universidade, assistente da cadeira de Didáctica da Literatura, actividade que manteve até se tornar membro da Alta Autoridade para a Comunicação Social.

O Algarve e África (viveu em Angola e Moçambique nos últimos anos do período da guerra colonial) são ambientes que emolduram alguns dos romances desta autora, uma das vozes mais importantes da actual ficção portuguesa. Curiosamente, logo na infância Lídia Jorge parece ter pressentido, ou traçado, o seu destino de escritora, opção que viu reconhecida por ocasião da publicação, em 1980, do seu primeiro livro *O Dia dos Prodígios*, distinguido com o Prémio Ricardo Malheiros e o Prémio Divulgação em Prosa da Associação Portuguesa de Escritores, e sucessivamente confirmada nos romances seguintes, *O Cais das Merendas* (1982) e *Notícia da Cidade Silvestre*, ambos vencedores do Prémio Literário Município de Lisboa. Também à sua obra *O Jardim sem Limites* (1995) foi atribuído o Prémio Bordallo de Literatura da Casa da Imprensa. Apesar de o romance ser o género que Lídia Jorge tem privilegiado, ela é também autora de dois livros de contos e de uma peça de teatro e publicou diversos textos em jornais e revistas, dos quais se destacam: